PRIMEIRO LIVRO

ARSÈNE LUPIN: CAVALHEIRO LADRÃO

A DETENÇÃO DE ARSÈNE LUPIN

Que estranha viagem! E no entanto tinha começado tão bem! Da minha parte, jamais tinha feito uma que se tivesse anunciado melhor. O *La Provence* era um transatlântico rápido e confortável, sob o comando do mais afável dos homens. Encontrava-se reunida a mais selecionada sociedade. Iniciavam-se relações, organizavam-se divertimentos. Tínhamos esta impressão rara de estarmos separados do mundo, reduzidos a nós próprios como numa ilha desconhecida, consequentemente obrigados a aproximarmo-nos uns dos outros.

E aproximávamo-nos...

Alguma vez pensaram no que há de original e imprevisto nesse grupo de seres que, na véspera, nem se conheciam, e que, durante alguns dias, entre o céu infinito e o mar imenso, vão partilhar a vida da forma mais íntima, vão desafiar juntos as raivas do oceano, o assalto aterrador das ondas e a calma traiçoeira da água adormecida?

No fundo, é a própria vida, vivida numa espécie de abreviatura trágica, com a suas tempestades e grandezas, a sua monotonia e diversidade. Talvez por isso se saboreie com pressa febril e tanta volúpia a breve viagem, cujo fim se vislumbra no instante mesmo em que é iniciada.

Mas, de há vários anos, passa-se algo que se junta singularmente às emoções da travessia. A pequena ilha flutuante continua a depender do mundo de que se julgava livre. Uma ligação subsiste, que se desata a pouco e pouco, em pleno oceano, e que pouco a pouco se renova. O telégrafo sem fio, como que chamando de um outro universo do qual chegam notícias da forma mais misteriosa possível! A imaginação já não tem apenas a capacidade para evocar ligações

de ferro pelas quais deslizam invisíveis mensagens. O mistério é mais insondável ainda, e também mais poético, pois seria preciso recorrer às asas do vento para explicar este novo milagre.

Dessa forma, nas primeiras horas, sentimo-nos perseguidos, escoltados, inclusivamente precedidos por essa voz distante que, de tempos em tempos, murmura a um de nós algumas palavras ao longe. Falaram-me dois amigos. Dez outros, vinte outros nos enviam a todos, através do espaço, as suas despedidas aflitas ou sorridentes.

Ora então, ao segundo dia, a quinhentas milhas de costas francesas, numa tarde tormentosa, o telégrafo sem fio transmitiu-nos um despacho do seguinte teor:

> «Arsène Lupin a bordo, primeira classe, cabelo louro, ferimento no antebraço direito, viaja sozinho, com o nome de R...»

Nesse preciso momento, uma violenta trovoada ribombou pelo céu sombrio. As ondas elétricas foram interrompidas. O resto do despacho não nos chegou. Do nome sob o qual se escondia Arsène Lupin, não se soube mais do que a inicial.

Se porventura se tratasse de qualquer outra notícia, eu não duvidaria de que o segredo tivesse sido escrupulosamente guardado pelos empregados do posto de telegrafia, bem como pelo comissário de bordo e pelo comandante. Mas há estes acontecimentos que parecem romper a discrição mais rigorosa. Nesse mesmo dia, sem que se pudesse dizer como a coisa foi divulgada, sabíamos todos que o famoso Arsène Lupin se escondia entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O imaculado ladrão do qual se contavam proezas em todos os jornais já há meses! A enigmática personagem com quem o velho Ganimard, o nosso melhor detetive, iniciara um duelo de morte cujas peripécias se desenrolavam de um modo pitoresco! Arsène Lupin, o cavalheiro fantasista que só operava nos castelos e nos salões, e que, uma noite, depois de ter penetrado na casa do barão Schormann, de lá saiu com mãos vazias e preferiu deixar um cartão, com esta mensagem: «Arsène Lupin, cavalheiro

ladrão, voltará quando os móveis forem autênticos.» Arsène Lupin, o homem de mil disfarces: motorista, escritor, de boas famílias, adolescente, velho, caixeiro-viajante marselhês, médico russo, toureiro espanhol!

E pensar que tudo corria bem até agora: Arsène Lupin deambulando pelo ambiente restrito de um transatlântico – que digo eu! –, no pequeno espaço da primeira classe onde toda a gente se encontra a toda a hora, nesta sala de refeições, neste salão, na sala dos fumadores! Arsène Lupin talvez fosse este senhor... ou aquele ali... o meu vizinho à mesa... o meu companheiro de cabina...

– E isto vai durar ainda cinco vezes vinte e quatro horas! – queixava-se no dia seguinte Miss Nelly Underdown. – É intolerável! Tomara que o prendam imediatamente!

E dirigindo-se a mim:

– Vejamos, o senhor d'Andrésy, que já tem boas relações com o comandante, não sabe de nada?

Gostaria de saber qualquer coisa que satisfizesse Miss Nelly! Ela era uma dessas magníficas criaturas que, estejam onde estiverem, prendem sempre todos os olhares. A sua beleza e também a sua fortuna deslumbram. Elas têm sempre uma corte de apaixonados e entusiastas.

Criada em Paris pela mãe francesa, ia juntar-se ao pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Uma das suas amigas, Lady Jerland, acompanhava-a.

Desde a primeira hora, apresentei a minha candidatura para namoro. Mas na intimidade acelerada da viagem, imediatamente o seu *charme* me perturbou, e eu sentia-me demasiado comovido para um mero namoriscar quando os seus grandes olhos negros encontravam os meus. No entanto, ela acolhia as minhas homenagens com uma certa amabilidade. Dignava-se a rir das minhas palavras e interessava-se pelas minhas histórias. Uma vaga simpatia parecia responder à atenção que eu lhe dedicava.

Só um rival talvez me inquietasse, um rapaz bastante bonito, elegante, reservado, de quem ela parecia às vezes preferir o humor taciturno às minhas atitudes mais «excêntricas» de parisiense.

Ele fazia justamente parte de um grupo de admiradores que cercava Miss Nelly, quando ela veio interrogar-me. Estávamos na ponte, agradavelmente instalados em cadeiras de baloiço. A tormenta da véspera tinha aclarado o céu. O momento era delicioso.

— Nada sei de preciso, menina — respondi-lhe —, mas seria impossível conduzirmos nós o nosso próprio inquérito, tão bem quanto o faria o velho Ganimard, o inimigo pessoal de Arsène Lupin?

— Oh! Oh! O senhor precipita-se!

— Em quê? Será um problema assim tão complicado?

— Muito complicado.

— É que esquece os elementos que temos para resolvê-lo.

— Que elementos?

— Primeiro: Lupin faz-se chamar de senhor R...

— Um elemento muito vago.

— Segundo: Ele viaja sozinho.

— Se essa particularidade lhe chega!

— Terceiro: Ele é louro.

— E então?

— Então temos apenas de consultar a lista de passageiros e proceder por eliminação.

Eu tinha essa lista no meu bolso. Peguei-lhe e percorri-a.

— Noto desde já que há somente treze pessoas cuja inicial merece a nossa atenção.

— Somente treze?

— Na primeira classe, sim. Entre esses treze senhores R..., como podem assegurar-se, nove estão acompanhados por mulheres, filhos ou empregados. Restam quatro personagens isoladas: o marquês de Raverdan...

— Secretário da embaixada — interrompeu Miss Nelly. — Eu conheço-o.

— O major Rawson...

— É meu tio, disse alguém.

— O senhor Rivolta...

— Presente — gritou um de nós, um italiano cuja face desaparecia sob uma barba da mais bela negritude.

Miss Nelly começou a rir-se.

— O senhor não é precisamente louro.

— Então — prossegui eu —, somos obrigados a concluir que o culpado é o último da lista.

— Isso quer dizer o quê?

— Quer dizer senhor Rozaine. Alguém conhece o senhor Rozaine?

Miss Nelly, interpelando o jovem taciturno cuja frequência a seu lado me atormentava, disse-lhe:

— Muito bem, senhor Rozaine, não responde?

Todos virámos os olhos para ele. Ele era louro.

Reconheço, senti como que um pequeno choque no meu âmago. E o silêncio constrangido que pesou sobre o grupo indicava-me que os outros também experimentavam aquela espécie de sufoco. Era absurdo, além de mais, pois nada, enfim, nas maneiras daquele senhor permitiria que se suspeitasse dele.

— Porque não respondo? — disse ele. — Porque, considerando o meu nome, o meu estatuto de viajante isolado e a cor dos meus cabelos, eu já tinha procedido a um inquérito análogo e encontrado o mesmo resultado. Eu sou da opinião que devem prender-me.

Tinha um ar engraçado ao pronunciar estas palavras. Os seus lábios finos como dois traços inflexíveis tornaram-se ainda mais finos e pálidos. Os seus olhos tinham raios de sangue.

Sem dúvida, ele estava a brincar. Ainda assim, a sua fisionomia e a sua atitude impressionavam-nos. Ingenuamente, Miss Nelly perguntou:

— Mas você não tem o ferimento?

— Isso é verdade, falta-me o ferimento — disse ele.

Com um gesto nervoso, ele ergueu a manga e descobriu o braço. Mas uma ideia assaltou-me. Os meus olhos cruzaram-se com os de Miss Nelly: ele tinha mostrado o braço esquerdo.

E, garanto, eu ia fazer notar isso mesmo, quando um incidente desviou a nossa atenção. Lady Jerland, a amiga de Miss Nelly, chegou a correr.

Ela estava perturbada. Todos a cercámos, e só depois de alguns esforços ela conseguiu balbuciar:

– As minhas joias, as minhas pérolas!... Levaram tudo!...

Não, não tinham levado tudo, como o compreendemos depois; coisa particularmente curiosa: tinham escolhido!

Entre a estrela de diamantes, o pingente de rubis em bruto, os colares e braceletes, tinham levado, não as pedras maiores, mas as mais finas, as mais preciosas, aquelas que, dir-se-ia, tinham mais valor e ocupavam menos espaço. Os suportes estavam ali, em cima da mesa. Eu vi-os, todos nós os vimos, despojados das suas joias como flores das quais tivessem arrancado as belas pétalas cintilantes e coloridas.

Para executar aquele trabalho teria sido necessário, durante a hora em que Lady Jerland tomava o chá, em pleno dia, num corredor frequentado, partir a porta da cabina, encontrar um pequeno saco dissimulado no fundo de uma chapeleira, abri-lo e escolher!

Houve somente um espanto entre nós. Só havia uma opinião entre todos os passageiros, assim que o roubo foi conhecido: é Arsène Lupin. E, de facto, aquela era a sua forma complicada, misteriosa, inconcebível... e ainda assim lógica, pois se era difícil esconder a massa de joias, o problema desaparecia com as pequenas coisas independentes umas das outras, pérolas, esmeraldas e safiras!

E ao jantar, aconteceu: à direita e à esquerda de Rozaine, os dois lugares ficaram vazios. E à noite soube-se que ele tinha sido convocado pelo comandante.

A sua prisão, que ninguém colocou em causa, causou um verdadeiro alívio. Respirava-se, enfim. Nessa noite jogaram-se jogos de salão. Dançou-se. Miss Nelly, sobretudo, evidenciou uma alegria barulhenta que me fez ver que se as homenagens de Rozaine lhe tinham agradado de início, ela já não se lembrava delas. A sua graça acabou de conquistar-me. Pela meia-noite, à claridade serena da lua, afirmei-lhe a minha devoção com uma emoção que não pareceu desagradar-lhe.

No dia seguinte, para estupefação geral, soube-se que, porque as acusações contra ele eram insuficientes, Rozaine estava livre.

Filho de um considerável comerciante de Bordéus, ele tinha exibido papéis perfeitamente em ordem. Por outro lado, os seus braços não mostravam o mais pequeno traço de ferimento.

— Papéis! Certidões de nascimento! — gritavam os inimigos de Rozaine. — Mas Arsène Lupin fornecer-vos-á tantos quantos quiserem! Quanto ao ferimento, é porque não o sofreu... ou então apagou os vestígios!

Objetavam que na hora do roubo, Rozaine — ficou demonstrado — passeava na ponte. Ao que ripostaram:

— Mas será que um homem da têmpera de Arsène Lupin precisa de assistir ao roubo que comete?

E então, fora de qualquer possível consideração estranha, havia um ponto sobre o qual os mais céticos não poderiam discordar. Quem, salvo Rozaine, viajava sozinho, era louro e usava um nome começado por R? Quem designava o telegrama, se não era Rozaine?

E quando Rozaine, alguns minutos antes do almoço, se dirigiu audaciosamente na direção do nosso grupo, Miss Nelly e Lady Jerland levantaram-se e afastaram-se.

Era medo, realmente.

Uma hora mais tarde, uma circular manuscrita passava de mão em mão entre os empregados de bordo, marinheiros, viajantes de todas as classes: Louis Rozaine prometia uma soma de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin ou encontrasse o possuidor das pedras roubadas.

— E se ninguém vier ajudar-me contra este bandido — declarou Rozaine ao comandante —, eu mesmo hei de ajustar contas com ele.

Rozaine contra Arsène Lupin, ou antes, de acordo com a frase que circulou, Arsène Lupin, ele próprio, contra Arsène Lupin; à luta não faltaria interesse!

E prolongou-se durante dois dias.

Víamos Rozaine errando por todo o lado, misturar-se com os funcionários, interrogar, investigar. Apercebíamo-nos da sua sombra, de noite, a rondar.

Pelo seu lado, o comandante exibia uma energia mais ativa. De alto a baixo, o *La Provence* foi vasculhado. Pesquisaram-se todas as cabinas, sem exceções, com o pretexto realmente justo de que os objetos poderiam estar escondidos em qualquer lugar, e não forçosamente na cabina do culpado.

— Acabar-se-á por descobrir algo, não será assim? — perguntava-me Miss Nelly. — Por mais feiticeiro que ele seja, não poderá fazer com que os diamantes e as pérolas se tornem invisíveis.

— É claro — respondi-lhe —, ou então seria preciso explorar o forro de nossos chapéus, as bainhas das nossas roupas e tudo o que levamos connosco.

E mostrando-lhe a minha Kodak, uma 9x12 com a qual nunca me cansava de fotografá-la nas mais diversas poses, disse:

— Num aparelho não maior do que este aqui, não acha que haveria lugar para todas as pedras preciosas de Lady Jerland? Finge-se que se tiram fotografias e o negócio está fechado.

— Mas, no entanto, eu ouvi dizer que não há ladrão que não deixe atrás de si um indício qualquer.

— Há um: Arsène Lupin.

— Porquê?

— Porquê? Porque ele não pensa apenas no roubo que comete, mas em todas as circunstâncias que poderiam denunciá-lo.

— No início, o senhor estava mais confiante.

— Mas depois eu vi-o em ação.

— E agora, segundo o senhor?

— Segundo o que eu acho, perdemos tempo.

Com efeito, as investigações não deram quaisquer resultados, ou pelo menos os que deram não corresponderam ao esforço geral: o relógio do comandante foi roubado.

Furioso, ele redobrou o seu zelo e vigiava ainda mais de perto Rozaine, com o qual já tinha conduzido diversas entrevistas. No dia seguinte, encantadora ironia, encontrou-se o relógio entre os colarinhos do subcomandante.

Tudo aquilo tinha um ar de magia, e denunciava exatamente o estilo humorístico de Arsène Lupin, ladrão, seja, mas diletante

também. Trabalhava por gosto e por vocação, mas também por diversão. Ele dava a impressão do autor que se distrai com a própria peça que escreveu e que, nos bastidores, se ri abertamente das suas tiradas espirituosas e das situações que imaginou.

Decididamente, era um artista no seu meio, e quando eu observava Rozaine, sombrio e obstinado, e pensava no papel duplo que representava aquela curiosa personagem, não podia referir-me a ele sem uma certa admiração.

Ora então, na noite da antevéspera, o oficial de turno ouviu gemidos no lugar mais escuro da ponte. Ele aproximou-se. Um homem estava estendido, com a cabeça envolta por um lenço cinzento e grosso, com os punhos atados por uma fino cordão.

Desembaraçaram o homem dos atilhos. Levantaram-no, prestaram-lhe cuidados.

Esse homem era Rozaine.

Era Rozaine quem tinha sido assaltado durante uma das suas expedições, derrubado e roubado. Um cartão de visita, preso por um alfinete nas suas roupas, tinha estas palavras:

«Arsène Lupin aceita com reconhecimento os dez mil francos de Sr. Rozaine.»

Na realidade, a carteira furtada continha vinte notas de mil.

Naturalmente, acusaram o infeliz de ter simulado aquele ataque contra ele mesmo. Mas, além de que teria sido impossível que se tivesse atado daquela forma, foi estabelecido que a letra do cartão diferia absolutamente da caligrafia de Rozaine, assemelhando-se, pelo contrário, à de Arsène Lupin, tal como a reproduzia um velho jornal encontrado a bordo.

Neste sentido, Rozaine já não era Arsène Lupin. Rozaine era Rozaine, filho de um comerciante de Bordéus! E a presença de Arsène Lupin confirmou-se mais uma vez, e por um ato formidável!

Foi o terror. Já ninguém ousava ficar sozinho na cabina, nem aventurar-se para lugares distantes. Prudentemente, todos se agrupavam com pessoas certas umas das outras. E ainda, uma desconfiança

instintiva dividia os mais íntimos. É que a ameaça já não provinha de um indivíduo isolado e por isso mesmo menos perigoso. Arsène Lupin agora era... era toda a gente. A nossa imaginação sobressaltada atribuía-lhe um poder miraculoso e ilimitado. Supunha-se que ele fosse capaz de usar os disfarces mais inesperados, de ser ora o respeitável major Rawson ora o nobre marquês de Raverdan, e ninguém se deteria na acusação inicial. Podia ser esta ou aquela pessoa conhecida de todos, com mulher, filhos e criados.

As primeiras mensagens sem fio não trouxeram novidade alguma. Ou então o comandante nada nos comunicou, e um silêncio como aquele não nos tranquilizava.

Assim, o último dia pareceu interminável. Vivia-se na espera ansiosa de uma desgraça. Desta vez, não seria outro roubo, não seria outra vez uma simples agressão, seria um crime, uma morte. Não se admitia que Arsène Lupin se contentasse com aqueles dois roubos insignificantes. Senhor absoluto do navio, com as autoridades reduzidas à impotência, ele faria o que quisesse, tudo lhe estava permitido, ele disporia dos bens e das existências.

Horas deliciosas para mim, reconheço, porque me valeram a confiança de Miss Nelly. Impressionada por tantos acontecimentos, já inquieta por natureza, ela procurou espontaneamente proteção junto a mim, uma segurança que eu lhe oferecia com felicidade.

No fundo, eu abençoava Arsène Lupin. Não tinha sido ele a aproximar-nos? Não tinha sido graças a ele que eu ganhara o direito a abandonar-me aos mais belos sonhos? Sonhos de amor e sonhos menos quiméricos, porque não confessá-lo? Os Andrézy são de uma boa origem poitevina, mas o seu brasão estava um pouco esbatido, e não me parecia indigno que um cavalheiro quisesse devolver ao seu nome o lustre perdido.

E esses sonhos, sentia-o, não desagradavam a Nelly. Os seus olhos sorridentes autorizavam-me a persegui-los. A doçura da sua voz dizia-me que a desejasse.

E até o último momento, curvados sobre a amurada, permanecemos um perto do outro, enquanto a linha da costa americana oscilava à nossa frente.

Tinham sido interrompidas as buscas. Aguardava-se. Da primeira classe à entreponte, onde abundavam os emigrantes, aguardava-se o minuto supremo em que se explicaria, enfim, o insolúvel enigma. Quem era Arsène Lupin? Sob que nome, sob que máscara se escondia o famoso Arsène Lupin?

E esse minuto supremo chegou. Vivesse eu cem anos, não esqueceria o mais ínfimo detalhe.

— Como está pálida, Miss Nelly — disse eu à minha companheira que se apoiava no meu braço, a desfalecer.

— E você! Ah! Você mudou bastante! — respondeu-me ela.

— Pois bem! Este minuto é apaixonante, e eu estou feliz por vivê-lo a seu lado, Miss Nelly. Parece-me que a sua memória se demora às vezes...

Ela não escutava, ofegante e febril. A escada foi descida. Mas antes que nos fosse permitida a liberdade de a percorrer, houve pessoas que subiram a bordo, funcionários da alfândega, homens de uniforme, funcionários dos correios.

Miss Nelly balbuciou:

— Se acabarmos por perceber que Arsène Lupin se escapou durante a travessia, eu não ficarei surpreendida.

— Ele talvez tenha preferido a morte à desonra, e mergulhar no Atlântico a ser detido.

— Não se ria — disse ela, impaciente.

Subitamente, eu estremeci, e, como se ela mo tivesse perguntado, eu disse-lhe:

— Está a ver aquele velho baixinho, de pé, junto à extremidade da escada?

— Com um guarda-chuva e um casaco verde-oliva?

— É Ganimard.

— Ganimard?

— Sim, o célebre polícia, aquele que jurou que Arsène Lupin seria detido às suas próprias mãos. Ah! Compreendo que não foram disponibilizadas informações deste lado do oceano. Ganimard está cá. Ele não gosta de que outros se ocupem dos seus pequenos afazeres.

— Então Arsène Lupin será seguramente surpreendido?

— Quem pode sabê-lo? Ganimard nunca o viu, parece, a não ser mascarado e disfarçado. A menos que ele conheça o nome que ele está a usar...

— Ah! — disse ela, com essa curiosidade um pouco cruel nas mulheres. — Se eu pudesse assistir à sua prisão!

— Tenhamos paciência. Certamente Arsène Lupin já detetou a presença do seu inimigo. Ele preferiria sair entre os últimos, quando os olhos do velho já estivessem fatigados.

O desembarque começou. Apoiado no seu guarda-chuva, com ar indiferente, Ganimard não parecia prestar atenção à multidão que se comprimia entre as duas balaustradas. Reparei que um oficial de bordo, colocado atrás dele, o informava de tempo a tempo.

O marquês de Raverdan, o major Rawson, o italiano Rivolta desfilaram, e outros, e muitos outros... E apercebi-me de que Rozaine se aproximava.

Pobre Rozaine! Não parecia recuperado das suas desventuras.

— Talvez seja ele de qualquer forma — disse-me Miss Nelly... — O que pensa?

— Eu acho que seria realmente interessante ter numa mesma fotografia Ganimard e Rozaine. Tome a minha máquina, eu carreguei-a.

Dei-lha, mas foi tarde demais para que pudesse usá-la. Rozaine passara. O oficial inclinou-se ao ouvido de Ganimard, que encolheu ligeiramente os ombros, e Rozaine passou.

Mas então, meu Deus, quem era Arsène Lupin?

— Sim, quem é? — disse ela em voz alta.

Não restava senão uma vintena de pessoas. Ela observava-as a todas com o baralhado receio de que ele não estivesse entre essas vinte.

Eu disse-lhe:

— Não podemos esperar mais tempo.

Ela avançou. Eu segui-a. Mas não tínhamos dado dez passos quando Ganimard nos barrou a passagem.

— E então, o que é isto? — protestei eu.

— Um momento, senhor. O que o apressa?

— Estou a acompanhar uma dama.

— Um momento — repetiu ele com uma voz mais imperiosa.

Encarou-me profundamente, e logo me disse, com os olhos nos meus:

— Arsène Lupin, não é?

Eu comecei a rir-me.

— Não, Bernard d'Andrézy, muito simplesmente.

— Bernard d'Andrézy morreu há três anos na Macedónia.

— Se Bernard d'Andrézy tivesse morrido, eu já não seria deste mundo. E esse não é o caso. Aqui estão os meus documentos.

— São os dele. Como é que é você a tê-los... isso eu terei o prazer de explicar-lho.

— Mas está enganado! Arsène Lupin embarcou sob o nome de R.

— Sim, outro truque seu, uma falsa pista que nos lançou. Ah! É muito ousado, meu amigo. Mas desta vez, a sorte mudou. Vamos, Lupin, mostre-se um bom jogador.

Eu hesitei um segundo. Com um golpe seco ele acertou-me no antebraço direito. Dei um grito de dor. Ele tinha acertado na ferida ainda por cicatrizar que o telegrama assinalara.

Enfim, eu tinha de resignar-me. Virei-me para Miss Nelly. Ela ouvia, lívida, incerta.

O seu olhar encontrou o meu e logo o baixou sobre a Kodak que eu lhe tinha entregado. Fez um gesto brusco; eu tive a impressão, eu tive a certeza de que ela tinha compreendido tudo. Sim, estavam lá, entre as laterais estreitas de couro preto, no pequeno objeto que eu tivera a precaução de deixar em suas mãos antes que Ganimard me prendesse, era exatamente lá que se encontravam os vinte mil francos de Rozaine, as pérolas e os diamantes de Lady Jerland.

Ah! Eu juro-o, neste momento solene, enquanto Ganimard e dois dos seus ajudantes me rodeavam, tudo se me tornou indiferente, a minha detenção, a hostilidade das pessoas, tudo, fora isto: a decisão que iria tomar Miss Nelly a respeito do que eu lhe havia confiado.

Que poderiam reunir contra mim provas materiais e decisivas, eu não pensei sequer duvidar, mas essas provas, decidir-se-ia Miss Nelly a fornecê-las?

Seria traído por ela? Perdido por ela? Agiria ela como uma inimiga que não perdoa, ou antes como uma mulher que se recorda e cujo rancor se adoça com um pouco indulgência, um pouco de simpatia involuntária?

Ela passou diante de mim. Saudei-a de forma discreta, sem uma palavra. Misturada com os outros viajantes, dirigiu-se para a escada, com minha Kodak na mão.

Sem dúvida, pensei eu, ela não ousará, em público. Será dentro de uma hora, dentro de um instante, que ela a entregará.

Mas ao chegar a meio da escada, num movimento de simulada aselhice, deixou-a cair à água, entre o cais e o costado do navio.

Depois, vi-a afastar-se.

A sua bela silhueta perdeu-se na multidão, apareceu mais uma vez e desapareceu. Acabara-se, acabara-se para sempre.

Por um instante, fiquei imóvel, triste e ao mesmo tempo invadido por uma doce ternura, depois suspirei, para grande espanto de Ganimard:

— Que pena, afinal, não ser um homem honesto...

Foi dessa forma que, numa tarde de inverno, Arsène Lupin me contou a história da sua prisão. A casualidade dos incidentes que um dia hei de narrar criaram laços entre nós... diria de amizade? Sim, ouso acreditar que Arsène Lupin me honra com alguma amizade, e que é por amizade que ele chega às vezes a minha casa sem aviso, trazendo, ao silêncio de meu gabinete de trabalho, a sua alegria juvenil, a irradiação da sua vida ardente, o seu bom humor de homem para quem o destino tem somente favores e sorrisos.

O seu retrato? Como poderia eu fazê-lo? Vinte vezes vi Arsène Lupin e vinte vezes foi um ser diferente que me apareceu... ou antes, o mesmo ser diante vinte espelhos ter-me-ia dado outras tantas imagens deformadas, cada qual com uns olhos diferentes, um contorno especial de rosto, um gesto próprio, uma silhueta e um carácter.

— Eu mesmo — disse-me ele — já não sei quem sou. Ao espelho já não me reconheceria.

Engraçado, certo, e paradoxal, mas é a verdade na perspetiva daqueles que o reencontram e que ignoram os seus recursos infinitos,

a sua paciência, a sua arte a maquilhar-se, a sua prodigiosa capacidade de transformar as proporções do seu rosto.

— Por que razão — diz ele ainda — hei de ter uma aparência definida? Por que razão não evitar o perigo de uma personalidade sempre idêntica? Os meus atos já são bastante reveladores.

E detalha com uma ponta de orgulho:

— Tanto melhor que não possam jamais dizer com toda a certeza: Eis Arsène Lupin. O essencial é que digam sem medo de errar: Arsène Lupin fez isto.

São alguns destes atos, algumas destas aventuras que tento reconstituir, baseando-me nas confidências que ele teve a gentileza de me fazer, nalgumas noites de inverno, no silêncio do meu gabinete de trabalho...

ARSÈNE LUPIN NA PRISÃO

Não há um turista digno desse nome que não conheça as margens do Sena, e que não tenha reparado, caminhando das ruínas de Jumièges às de Saint-Wandrille, no estranho pequeno castelo feudal do Malaquis, tão orgulhosamente acampado na rocha, em pleno rio. A arcada de uma ponte liga-o à estrada. A base das suas pequenas torres sombrias confunde-se com o granito que as suporta, um bloco enorme cortado não se sabe de que montanha. À volta, a água calma do grande rio diverte-se entre os juncos, e lavandiscas tremem sobre a superfície húmida dos seixos.

A história de Malaquis é rude como o seu nome, áspera como a sua silhueta. Resume-se a combates, cercos, assaltos, rapinagens e massacres. Nos serões da região de Caux, lembram-se com calafrios os crimes que ali se cometeram. Contam-se misteriosas lendas. Fala-se de um célebre subterrâneo que conduzia outrora à abadia de Jumièges e à mansão de Agnès Sorel, a bela amante de Carlos VII.

Neste antigo covil de heróis e assaltantes, mora o barão Nathan Cahorn, o barão Satã, como antes lhe chamavam na bolsa de valores, na qual enriqueceu demasiado rapidamente. Os senhores do Malaquis, arruinados, tiveram de vender-lhe, por um naco de pão, o que lhes ficara dos seus antepassados. Por lá instalou as suas coleções admiráveis de móveis e quadros, de faianças e de madeiras esculpidas. E por lá vive sozinho, com os seus três empregados. Ninguém alguma vez lá entra. Ninguém jamais viu, entre a decoração das suas salas magníficas, os três Rubens que ele possui, os seus dois Watteau, a sua cadeira de Jean Goujon, e tantas outras

maravilhas arrancadas à força das notas aos mais ricos frequentadores dos leilões públicos.

O barão Satã teme. Teme não por ele, mas pelos tesouros acumulados por uma paixão assim tão tenaz, e por uma perspicácia tão grande de amador que impede os mais astutos vendedores de se poderem vangloriar de o ter induzido em erro. Ele ama os tesouros. Ama-os com a ganância de um avarento; ciumento, como um enamorado.

Cada dia, ao pôr do Sol, as quatro portas reforçadas com ferros, viradas para as duas extremidades da ponte e para a entrada do pátio de honra, são fechadas e aferrolhadas. Ao mais pequeno toque, as campainhas elétricas vibrariam no silêncio. Do lado do Sena, nada a temer: o rochedo ergue-se a pique.

Ora então, numa sexta-feira de setembro, o carteiro apresentou-se como habitualmente à cabeça da ponte. E, de acordo com a regra quotidiana, foi o barão que abriu o batente.

Ele examinou o homem minuciosamente, como se não conhecesse há muito, depois de tantos anos, aquela cara feliz, com olhos escarnecedores de camponês, e o homem disse-lhe a sorrir:

— Sou sempre eu, senhor barão. Não sou outro que estivesse a usar a minha camisa e o meu boné.

— Nunca se sabe — murmurou Cahorn.

O carteiro entregou-lhe uma pilha de jornais. E ajuntou:

— E agora, senhor barão, novidades.

— Novidades?

— Uma carta... e registada, ainda por cima.

Isolado, sem amigos ou quem quer que fosse que por ele se interessasse, o barão nunca recebia cartas, pelo que imediatamente aquilo lhe pareceu um acontecimento de mau agouro, que lhe deu lugar a inquietação. Quem seria aquele misterioso correspondente que vinha alcançá-lo no seu retiro?

— É preciso assinar, senhor barão.

Assinou a praguejar. Pegou na carta, esperou que o carteiro desaparecesse na curva da estrada, e após alguns passos apoiou-se no parapeito da ponte e rasgou o envelope. Dentro, havia uma folha de papel

quadriculado com um cabeçalho manuscrito: Prisão de La Santé, Paris. Olhou para a assinatura: Arsène Lupin. Estupefacto, leu:

«Senhor barão,

Há, na galeria que une os seus dois salões, um quadro de Philippe de Champaigne excelentemente trabalhado e que me agrada infinitamente. Os seus Rubens são também a meu gosto, tanto quanto o pequeno Watteau. No salão da direita, destaco a credência Luís XIII, as tapeçarias de Beauvais, o velador Empire assinado por Jacob e o baú Renascença. No da esquerda, todo o mostruário de joias e miniaturas.

Desta vez, contentar-me-ei com esses objetos, que serão, creio, de fácil envio. Peço-lhe, pois, que os faça embalar convenientemente e os despache em meu nome (porte pago), para a estação de comboio de Batignolles, num prazo de oito dias... na falta, eu próprio procederei à mudança na noite de quarta-feira, 27, para quinta-feira, 28 de setembro. E, como é justo, não me contentarei com os objetos acima indicados.

Queira desculpar o pequeno incómodo que lhe causo e aceitar a expressão de meus sentimentos de respeitosa consideração.

Arsène Lupin.

P. S. — Sobretudo, não me envie o Watteau maior. Ainda que tenha pagado por ele trinta mil francos na casa de leilões, não passa de uma cópia, tendo sido o original queimado, durante o Diretório, por Barras, numa noite de orgia. Consulte as *Memórias Inéditas de Garrat*.

Não faço igualmente questão da corrente Luís XV cuja autenticidade julgo duvidosa.»

Esta carta perturbou o barão Cahorn. Assinada por qualquer outro, já o teria alarmado consideravelmente, ademais por Arsène Lupin!

Leitor assíduo de jornais, ao corrente de tudo o que se passava no mundo a respeito de roubo e de crime, não ignorava nenhuma das proezas do infernal ladrão. Certamente, ele sabia que Lupin, preso na América pelo seu inimigo Ganimard, estava realmente encarcerado, e que estava a ser julgado — e com que pena prevista! Mas sabia igualmente que podia esperar-se tudo da parte dele. Além disso, este conhecimento exato do castelo, da disposição dos quadros e dos móveis, era um indício claro. Quem o teria informado sobre coisas que ninguém tinha visto?

O barão olhou para cima e contemplou a inóspita silhueta do Malaquis, o seu íngreme pedestal, a água profunda que o rodeava, e encolheu os ombros. Não, decididamente, não havia perigo. Ninguém no mundo poderia penetrar no santuário inviolável das suas coleções.

Ninguém, seja, mas e Arsène Lupin? Para Arsène Lupin, será que para ele há portas, pontes, paredes? De que servem os obstáculos mais bem imaginados, as precauções mais hábeis, se Arsène Lupin decidiu atingir o seu objetivo?

Nessa mesma noite, ele escreveu ao procurador da República em Rouen. Remetia a carta de ameaças e reclamava ajuda e proteção.

A resposta não demorou: o citado Arsène Lupin estava atualmente detido na Santé, vigiado de perto, e logo impossibilitado de escrever, a carta só podia ser obra de um impostor. Tudo o demonstrava, a lógica e o bom senso, bem como a realidade dos factos. De qualquer forma, e por excesso de prudência, tinha-se mandado um perito examinar o que fora escrito, e o perito declarara que, apesar de algumas analogias, a caligrafia não era a do detido.

«Apesar de certas analogias», o barão só reteve estas quatro palavras aterradoras, onde via a admissão de uma dúvida que, julgava ele, deveria ser suficiente para que a justiça interviesse. Os seus receios exasperaram-se. Ele não cessava de reler a carta. «Eu próprio procederei à mudança.» E aquela data precisa: na noite de quarta-feira, 27, para quinta-feira, 28 de setembro!...

Desconfiado e taciturno, não ousara desabafar com os empregados, cuja devoção não lhe parecia a toda a prova. No entanto, pela

primeira vez em anos, sentia necessidade de conversar, de ser aconselhado. Abandonado pela justiça do seu país, ele já não esperava mais poder defender-se com os seus próprios recursos, e estava preparado para ir até Paris implorar ajuda de um polícia experiente.

Passaram-se dois dias. Ao terceiro, lendo os jornais, estremeceu de contentamento. *Le Réveil de Caudebec* publicava esta nota:

> «Temos o prazer de ter entre os muros da nossa cidade, há quase três semanas, o inspetor Ganimard, um dos veteranos dos serviços de segurança. O Sr. Ganimard, a quem a prisão de Arsène Lupin, a sua última proeza, valeu uma reputação europeia, descansa das suas pesadas tarefas pescando barbos e ableteS.»

Ganimard! Eis o auxílio que o barão Cahorn procurava! Quem melhor do que o ardiloso e paciente Ganimard saberia estragar os projetos de Lupin?

O barão não hesitou. Seis quilómetros separam o castelo da pequena cidade de Caudebec. Percorreu-os em passo alegre, como um homem entusiasmado pela esperança de salvação.

Depois de várias tentativas infrutíferas para saber o endereço do inspetor principal, dirigiu-se ao escritório do *Réveil*, situado perto do cais. Encontrou o redator da nota, que, assomando à janela, gritou:

— Ganimard? É garantido que irá encontrá-lo ao longo do cais, pescando à linha. Foi assim que falei com ele, li por acaso o nome gravado na cana de pesca. Olhe, é o velhote que se vê lá ao fundo, sob as árvores do caminho.

— De casaco e chapéu de palha?

— Justamente! Ah! É um tipo engraçado para conversar, mas um pouco rude.

Cinco minutos depois, o barão abordava o célebre Ganimard, apresentando-se e procurando encetar conversa. Não o conseguindo, abordou diretamente a questão e expôs o seu caso.

O outro ouviu, imóvel, sem perder de vista um peixe, e depois virou a cabeça para ele, mediu-o de alto a baixo com um ar de profunda piedade, e pronunciou:

— Senhor, não é habitual prevenir as pessoas que queremos despojar. Arsène Lupin, em particular, não cometeria tais erros.

— No entanto...

— Senhor, se eu tivesse a mínima dúvida, acredite sinceramente que o prazer de prender mais uma vez esse caro Lupin superaria qualquer consideração. Lamentavelmente, esse jovem está aferrolhado.

— E se ele fugir?...

— Não se foge da Santé.

— Mas ele...

— Ele não mais do que qualquer outro.

— No entanto...

— Bem, se ele fugir, tanto melhor, eu agarrá-lo-ei outra vez. Entretanto, descanse bem a cabeça entre as orelhas e não me espante este ablete.

A conversa terminara. O barão voltou para a sua casa, um pouco tranquilizado pela despreocupação de Ganimard. Verificou as fechaduras, espiou os criados, e quarenta e oito horas se passaram durante as quais chegou quase a convencer-se de que, tudo considerado, os seus receios eram quiméricos. Decididamente, como lhe tinha dito Ganimard, não se previne a quem se deseja roubar.

A data aproximava-se. Na manhã de terça-feira, véspera do dia 27, nada de particular. Mas às três horas, um miúdo tocou à campainha. Trazia um telegrama:

«Nenhuma encomenda na estação de Batignolles. Prepare tudo para amanhã à noite. Arsène.»

De novo, entrou em pânico, ao ponto de se ter perguntado se não seria melhor ceder às exigências de Arsène Lupin.

Correu até Caudebec. Ganimard pescava no mesmo lugar, sentado num banquinho. Sem uma palavra, mostrou-lhe o telegrama.

— E depois? — disse o inspetor.

— Depois? Mas é já para amanhã!

— O quê?

— O roubo! A pilhagem das minhas coleções!

Ganimard pousou a sua linha, virou-se para ele e, com os dois braços cruzados sobre o peito, exclamou num tom de impaciência:

— Ah! Isso! O senhor acha que vou ocupar-me com uma história tão estúpida!

— Quanto quer para ficar no castelo durante a noite de 27 para 28 de setembro?

— Nem um cêntimo, deixe-me em paz.

— Fixe o seu preço, sou rico, extremamente rico.

A brutalidade da oferta desconcertou Ganimard, que prosseguiu, mais calmo:

— Eu estou aqui de férias e não tenho o direito de me intrometer...

— Ninguém o saberá. Eu prometo-lhe, aconteça o que acontecer, guardar silêncio.

— Oh! Não acontecerá nada.

— Bem, vejamos, três mil francos, é suficiente?

O inspetor aspirou o fumo de tabaco, refletiu, e acedeu:

— Que seja. De qualquer forma, devo dizer-lhe lealmente que é dinheiro atirado pela janela.

— É-me indiferente.

— Nesse caso... E então, no final de contas, o que se sabe desse diabo do Lupin! Deve ter às suas ordens todo um bando... Tem confiança nos seus criados?

— Até certo ponto...

— Então, não contemos com eles. Vou enviar uma mensagem a dois rapazes meus amigos, que nos darão mais segurança... E agora, vá-se embora, para que não nos vejam juntos. Até amanhã, pelas nove horas.

No dia seguinte, data fixada por Arsène Lupin, o barão Cahorn poliu as suas armas e fez uma ronda à volta do Malaquis. Nada de equívoco vislumbrou.

À noite, às oito e meia, dispensou os seus criados. Estes ocupavam uma ala virada para a estrada, mas um pouco para trás, muito ao fundo do castelo. Uma única vez, abriu calmamente as quatro portas. Passado um tempo, escutou passos que se aproximavam.

Ganimard apresentou os seus dois auxiliares, rapazes grandes e sólidos, com pescoços taurinos e mãos possantes, e a seguir

solicitou algumas explicações. Tendo-se dado conta da disposição dos espaços, fechou cuidadosamente e barricou todas as passagens por onde poderia entrar-se nas salas ameaçadas. Inspecionou as paredes, ergueu os tapetes, e por fim instalou os seus agentes na galeria central.

— Nada de disparates, hein? Não estamos aqui para dormir. Ao menor alerta, abram as janelas do pátio e chamem-me. Atenção também ao lado da água. Dez metros de falésia a pique, a demónios do calibre dele, isso não os assusta.

Fechou-os, pegou nas chaves e disse ao barão:

— E agora, ao nosso posto.

Ele tinha escolhido, para passar a noite, uma pequena divisão entre os portões principais, que já fora, outrora, a casa do vigilante. Uma das aberturas na parede dava para a ponte, a outra para o pátio. Num canto podia ver-se um buraco, como o orifício de um poço.

— Não me tinha dito, senhor barão, que este poço era a única entrada dos subterrâneos e que há muitíssimo tempo tinha sido tapado?

— Sim.

— Então, a menos que exista uma outra passagem ignorada por todos, salvo Arsène Lupin, o que me pareceria um pouco problemático, estamos tranquilos.

Alinhou três cadeiras, estendeu-se confortavelmente, acendeu o cachimbo e suspirou:

— Verdadeiramente, senhor barão, foi preciso que eu estivesse com vontade de acrescentar um piso na casinha na qual planeio terminar os meus dias para aceitar uma tarefa tão elementar. Contarei a história ao amigo Lupin, ele vai agarra-se à barriga de tanto se rir.

O barão não se ria. Com os ouvidos à escuta, interrogava o silêncio com uma inquietação crescente. De tempos a tempos, inclinava-se sobre o poço e mergulhava no buraco um olhar ansioso. Onze horas, meia-noite, uma hora, bateram. Subitamente, pegou no braço de Ganimard, que acordou em sobressalto.

— Está a ouvir?

— Sim.

— O que é isto?

— Sou eu que ressono.

— Mas não, escute...

— Ah! Perfeitamente, é o barulho de um automóvel.

— E então?

— Então é pouco provável que Lupin se sirva de um automóvel como de um aríete para demolir o seu castelo. Assim, senhor barão, no seu lugar, eu dormiria... como vou ter a honra de voltar a fazer. Boa noite.

Aquele foi o único alerta. Ganimard pôde retomar o seu sono interrompido e o barão nada mais ouviu além do seu ronco alto e regular.

De manhã cedinho, saíram. Uma grande paz serena, a paz da manhã à beira da água fresca, envolvia o castelo. Subiram a escada. Cahorn irradiava alegria, Ganimard sempre impassível. Nenhum ruído. Nada de suspeito.

— Que lhe tinha dito, senhor barão? No fundo, não devia ter aceitado, estou envergonhado...

Pegou nas chaves e entrou na galeria.

Em duas cadeiras, curvados, com os braços caídos, os dois agentes dormiam.

— Raios me partam! — resmungou o inspetor.

Ao mesmo tempo o barão gritava:

— Os quadros!... A credência!...

Ele balbuciava, sufocava, com a mão estendida para os espaços vazios, as paredes desnudadas onde estavam espetados pregos dos quais pendiam cordas inúteis. O Watteau, desaparecido! Os Rubens, levados! As tapeçarias, despregadas! Os mostruários, esvaziados das suas joias!

— E os meus candelabros Luís XVI!... E o castiçal do Regente!... E a minha virgem do século XII!...

Ele corria de um lugar para outro, assustado, desesperado. Lembrava os preços que pagara, adicionava as perdas sofridas, acumulava números, tudo isso ao mesmo tempo, em palavras indistintas, frases inacabadas. Esperneava e tinha convulsões, louco de raiva

e de dor. Dir-se-ia um homem arruinado ao qual só restava dar um tiro na cabeça.

Se alguma coisa pudesse consolá-lo, teria sido ver o estupor de Ganimard. Contrariamente ao barão, o inspetor nem se mexia. Parecia petrificado, e de olhar vago, examinando as coisas. As janelas? Fechadas. As fechaduras das portas? Intactas. Nenhuma brecha no teto. Nenhum buraco no soalho. A ordem era perfeita. Tudo aquilo deveria ter sido executado metodicamente, seguindo um plano inexorável e lógico.

— Arsène Lupin... Arsène Lupin — murmurou ele, destruído.

Subitamente, ele atirou-se aos dois agentes, como se a cólera enfim o sacudisse, empurrou-os furiosamente e injuriou-os. Não tinham acordado!

— Diabos — disse ele —, será que por acaso?...

Inclinou-se sobre eles, e, a um e ao outro, observou-os com atenção: dormiam, mas um sono que não era natural.

Ele disse ao barão:

— Puseram-nos a dormir.

— Mas quem?

— Eh! Ele, ora essa!... Ou o seu bando, mas dirigido por ele. É um golpe ao seu estilo. Sente-se a marca dele.

— Nesse caso, eu estou perdido, nada mais há a fazer.

— Nada a fazer.

— Mas é abominável, monstruoso.

— Apresente uma queixa.

— Para quê?

— Ora! Tente... a justiça tem recursos.

— A justiça! Mas veja por si mesmo... Repare, neste momento, em que poderia procurar um indício, descobrir alguma coisa, nem mesmo você se move.

— Descobrir alguma coisa, com Arsène Lupin! Mas, meu caro senhor, Arsène Lupin nunca deixa o que quer que seja atrás de si. O acaso não existe para Arsène Lupin. Até chego a perguntar-me se não foi voluntariamente que ele se fez prender por mim na América!

— Então, devo renunciar aos meus quadros, a tudo? Mas são as pérolas da minha coleção que ele levou! Eu daria uma fortuna para reavê-las. Se nada se pode fazer contra ele, ele que diga o seu preço!

Ganimard olhou-o fixamente.

— Essa, sim, é uma atitude sensata. Não vai retirá-la?

— Não, não, não. Mas porquê?

— Por uma ideia que tive.

— Qual?

— Voltaremos a falar nisso se o inquérito permitir qualquer conclusão. Somente, nenhuma palavra a meu respeito, se quiser que eu tenha êxito.

E ele acrescentou entre dentes:

— E depois, na verdade, eu nada tenho de que me vangloriar.

Os dois agentes retomaram pouco a pouco a consciência, com aquele ar atordoado dos que saem de um sono hipnótico. Abriam os olhos pasmados e procuravam compreender. Quando Ganimard os interrogou, não se lembravam de nada.

— No entanto, tinham de ter visto alguém.

— Não.

— Lembram-se?

— Não, não.

— E não beberam?

Eles refletiram, e um deles respondeu:

— Sim, eu bebi um pouco de água.

— Da água deste jarro?

— Sim.

— Eu também, declarou o segundo.

Ganimard cheirou-a, provou-a. Não tinha qualquer gosto especial, qualquer odor.

— Vamos lá — disse ele —, estamos a perder tempo. Não é em cinco minutos que se resolvem os problemas colocados por Arsène Lupin. Mas, que diabo, juro que o prenderei outra vez. Ele ganha a segunda partida. Eu, a negra!

No mesmo dia, uma queixa de roubo qualificado era apresentada pelo barão Cahorn contra Arsène Lupin, detido na Santé!

Essa queixa, o barão lamentou-a diversas vezes ao ver o Malaquis aberto aos guardas, ao procurador, ao juiz de instrução, aos jornalistas, a todos os curiosos que se insinuavam por todos os lados nos quais não deveriam estar.

O caso apaixonava a opinião pública. Tinha-se dado em circunstâncias bastante particulares, o nome de Arsène Lupin excitava a tal ponto as imaginações, que as histórias mais fantasiosas enchiam as colunas dos jornais e colhiam crédito junto do público.

Mas a carta inicial de Arsène Lupin, publicada pelo *Écho de France* (e nunca se soube quem lhe comunicara o texto), essa carta em que o barão Cahorn era desavergonhadamente prevenido por quem o ameaçava, causou considerável emoção. De imediato, fabulosas explicações foram propostas. Recordou-se a existência dos famosos subterrâneos. E a justiça, influenciada, dirigiu as suas buscas nesse sentido.

Invadiram o castelo de alto a baixo. Interrogaram cada pedra. Estudaram os lambris e as chaminés, as caixilharias das janelas e as vigas dos tetos. À luz de tochas examinaram as imensas adegas onde os senhores do Malaquis antigamente acumulavam as suas munições e provisões. Sondaram as entranhas do rochedo. Tudo debalde. Não se achou o menor vestígio de subterrâneos. Nem existia qualquer passagem secreta.

Que seja, respondiam de todos os lados, mas os móveis e os quadros não desaparecem como fantasmas. Vão-se por portas ou janelas, e as pessoas que deles se apoderam entram e saem igualmente por portas e janelas. Quem eram essas pessoas? Como se introduziram no castelo? E como se foram embora?

As autoridades de Rouen, convencidas da sua incapacidade, solicitaram o auxílio de agentes parisienses. O Sr. Dudouis, o chefe do serviço de segurança, enviou os seus melhores investigadores, a sua brigada de ferro, e ele próprio passou quarenta e oito horas no Malaquis. Não foram bem-sucedidos.

Foi então que ele chamou à sua presença o inspetor Ganimard, cujo trabalho ele tantas vezes tivera oportunidades de admirar.

Ganimard escutou silenciosamente as instruções do superior e a seguir, oscilando a cabeça, pronunciou:

— Julgo que caminhamos no sentido errado com esta obstinação de vasculhar o castelo. A solução está noutro lugar.

— E onde?

— Junto a Arsène Lupin.

— Junto a Lupin! Supor isso é admitir a sua intervenção.

— Eu admito-a. Mais até, considero-a como certa.

— Mas veja, Ganimard, isso é um absurdo. Arsène Lupin está na prisão.

— Arsène Lupin está na prisão, pois que assim seja. Ele está vigiado, concordo. Mas mesmo que ele tivesse ferros nos pés, cordas nos pulsos e uma mordaça na boca, eu não mudaria a minha opinião.

— E porquê essa obstinação?

— Porque apenas Arsène Lupin é capaz de planear uma maquinação com esta envergadura, e organizá-la de forma a ter êxito... como teve.

— Isso são palavras, Ganimard!

— Que são as realidades. Resumindo, que não se procurem subterrâneos, pedras que giram e outras futilidades desse calibre. O nosso homem não usa esses procedimentos gastos. É de hoje, ou melhor, de amanhã.

— E o que conclui?

— Concluo pedir-lhe claramente uma autorização para passar uma hora com ele.

— Na sua cela?

— Sim. Quando voltámos da América estabelecemos, durante a travessia, excelentes relações, e ouso dizer que ele nutre alguma simpatia por aquele que conseguiu prendê-lo. Se ele puder informar-me sem se comprometer, não deixará que a minha viagem seja inútil.

Passava um pouco do meio-dia quando Ganimard foi introduzido na cela de Arsène Lupin. Este, deitado na cama, ergueu a cabeça e soltou um clamor de contentamento.

— Ah! Esta é uma verdadeira surpresa. Este querido amigo, aqui!

— Ele mesmo.

— Desejava muitas coisas no retiro que escolhi... mas nenhuma mais emocionante do que recebê-lo aqui.

— Muito amável.

— Mas não, mas não, nutro por si uma viva estima.

— Isso deixa-me orgulhoso.

— Sempre tal considerei: Ganimard é o nosso melhor detetive. Quase, e repare como sou franco, quase como Sherlock Holmes. Mais, com franqueza, lamento nada mais poder oferecer-lhe do que este banquinho. E nem sequer um refresco! Nem um copo de cerveja! Desculpe-me, mas estou aqui de passagem.

Ganimard sentou-se, sorrindo, e o prisioneiro continuou, feliz por conversar:

— Meu Deus, como estou contente por repousar os meus olhos na figura de um homem honesto! Estou farto de todas estas caras de espiões e delatores que passam dez vezes por dia revista aos meus bolsos e à minha cela, para terem certeza de que eu não estou a preparar uma evasão. Caramba, como o governo se preocupa comigo!...

— E tem razão.

— Mas não. Eu seria realmente feliz se me deixassem viver no meu cantinho!

— Com as rendas dos outros.

— Não é? Seria tão simples! Mas estou a divagar, digo disparates, e talvez esteja com pressa. Vamos ao que interessa, Ganimard! A que devo eu a honra da visita?

— O caso Cahorn — declarou Ganimard, sem rodeios.

— Alto lá! Um segundo... É que tenho tantos, casos! Tenho de procurar no meu cérebro o caso Cahorn... Ah! Cá está. Caso Cahorn, castelo do Malaquis, no Sena Inferior. Dois Rubens, um Watteau, e alguns objetos pequenos.

— Pequenos!

— Oh! Palavra, tudo isso é de medíocre importância. Há melhores. Mas basta que o caso lhe interesse... Fale, então, Ganimard.

— Devo explicar em que ponto estamos da instrução?

— Inútil. Eu li os jornais desta manhã. Permitir-me-ia até mesmo dizer-lhe que não estão a avançar muito depressa.

— É precisamente essa a razão pela qual venho contar com o seu obséquio.

— Inteiramente às suas ordens.

— Antes de mais isto: o assunto foi realmente orientado por si?

— Do A até ao Z.

— A carta de aviso? O telegrama?

— São deste seu servidor. Devo ter mesmo em alguma parte os recibos.

Arsène abriu a gaveta de uma pequena mesa de madeira branca que compunha, com a cama e o banquinho, todo o mobiliário da cela, pegou em duas tiras de papel e estendeu-as a Ganimard.

— Ah! Estou a ver — exclamou este. — Julgava-o sob apertada vigilância e controlado por tudo e por nada. No entanto, lê jornais, coleciona os recibos do correio...

— Bah! Esses indivíduos são uns tolos! Descosem-me as bainhas da roupa, exploram a sola das minhas botas, auscultam as paredes desta divisão, mas nenhum desconfia que Arsène Lupin possa ser estúpido o suficiente para escolher um esconderijo tão fácil. É justamente com isso que tenho contado.

Ganimard, divertido, exclamou:

— Que diabo de rapaz! Desconcerta-me. Vamos, conte-me a aventura.

— Oh! Oh! Vai muito depressa! Iniciá-lo em todos os meus segredos... revelar os meus pequenos truques... Isso é muito grave.

— Ter-me-ei enganado ao contar com a sua complacência?

— Não, Ganimard, e já que insiste...

Arsène Lupin percorreu duas ou três vezes a cela, depois deteve-se:

— Que pensa da minha carta ao barão?

— Penso que quis divertir-se, deslumbrar um pouco o público.

— Ah! Vejam, deslumbrar o público! Pois bem, asseguro-lhe, Ganimard, que o julgava mais esperto. Iria perder tempo com tais puerilidades, eu, Arsène Lupin! Teria escrito aquela carta se pudesse roubar o barão sem ela? Mas, compreenda então, você e os outros, que a carta foi o ponto de partida indispensável, o despertar que pôs

a máquina em movimento. Vamos respeitar a ordem e prepararemos juntos, se quiser, o assalto do Malaquis.

— Estou a ouvir.

— Então, suponhamos um castelo rigorosamente fechado, barricado, como era o do barão Cahorn. Devo abandonar a desafio e renunciar aos tesouros que cobiço, sob o pretexto de que o castelo que os contém é inacessível?

— Evidentemente que não.

— Devo tentar o assalto como se fazia outrora, à frente de um grupo de aventureiros?

— Infantil!

— Devo introduzir-me sorrateiramente?

— Impossível.

— Resta um meio, o único na minha opinião: o de me fazer convidar pelo proprietário do castelo.

— O meio é original.

— E bastante fácil! Suponhamos que um dia, o referido proprietário receba uma carta, advertindo-o do que contra ele trama um tal Arsène Lupin, ladrão reputado. Que fará ele?

— Enviará a carta ao procurador.

— Que vai gozar com ele, já que o dito Lupin está atualmente aferrolhado. Portanto, o bom homem fica descontrolado, pronto para pedir socorro ao primeiro que lhe apareça, não é verdade?

— Isso está fora de dúvida.

— E se lhe acontecer ler num jornaleco qualquer que um célebre agente da polícia passa as férias na localidade vizinha...

— Ele vai dirigir-se a esse polícia.

— Você o diz. Mais, por outro lado, admitamos que prevendo essa inevitável iniciativa, Arsène Lupin tenha pedido a um do seus mais hábeis amigos que se instalasse em Caudebec, e que iniciasse boas relações com um redator do *Réveil*, jornal que o barão assina, deixando o jornalista achar que ele é aquele conhecido detetive; o que adviria?

— Que o redator anunciaria no *Le Réveil* a presença em Caudebec do dito detetive.

— Perfeito, e das duas uma: ou o peixe, quero dizer, Cahorn, não morde a isca e então nada se passa; ou então, e esta hipótese é a mais provável, ele acorre, a todos inquietando. E eis o meu Cahorn implorando contra mim a assistência de um dos meus amigos.

— Cada vez mais original.

— Bem entendido, o suposto polícia recusa-se de início a co-operar. Nisto, chega o telegrama de Arsène Lupin. Pânico do barão, que implora de novo ao meu amigo, e oferece-lhe uma quantia para velar pela sua salvação. O dito amigo aceita, leva dois companheiros do nosso bando, que, de noite, enquanto Cahorn é guardado à vista pelo seu protetor, transportam pela janela um certo número de objetos e descem-nos, com a ajuda de cordas, até um pequeno barco fretado para o efeito. É simples como Lupin.

— E é tudo verdadeiramente maravilhoso — clamou Ganimard. — E eu não saberia elogiar a audácia da conceção e a inventividade dos detalhes. Mas não vejo que polícia fosse tão conhecido ao ponto de que o seu nome pudesse atrair e sugestionar o barão dessa forma.

— Há um e apenas um.

— Qual?

— O mais ilustre, o inimigo pessoal de Arsène Lupin, em suma, o inspetor Ganimard.

— Eu!

— Você mesmo, Ganimard. E eis o que é delicioso: se for até lá e o barão se decidir a falar, acabará por descobrir que o seu dever é prender-se a si mesmo, tal como me prendeu na América. Hein! A vingança é cómica: faço prender Ganimard por Ganimard!

Arsène Lupin ria-se abertamente. O inspetor, bastante humilhado, mordia os lábios. A brincadeira não parecia merecer-lhe tal acesso de alegria.

A chegada de um guarda deu-lhe tempo para recompor-se. O homem trazia a refeição que Arsène Lupin, por especial favor, encomendara ao restaurante vizinho. Deixando a bandeja na mesa, retirou-se. Arsène sentou-se, partiu o pão, deu duas ou três dentadas e prosseguiu:

— Mas fique tranquilo, meu caro Ganimard, não vai ter de lá ir. Vou revelar-lhe uma coisa que o deixará estupefacto: o caso Cahorn está à beira de ser arquivado.

— Como?

— Arquivado, digo-lhe.

— Vamos, deixei há pouco o chefe dos serviços de segurança...

— E então? Será que o senhor Dudouis saberá mais do que eu sobre isto que me diz respeito? Fique a saber que Ganimard... desculpe-me, o suposto Ganimard... continua nos melhores termos com o barão. Esse é o principal motivo pelo qual nada confessou sobre o roubo, encarregando-o da muito delicada tarefa de negociar comigo uma transação, e neste momento, mediante uma determinada soma, é provável que o barão tenha retomado a posse dos seus queridos bibelôs. Em troca disso, não haverá queixa. De tal forma, não há mais roubo. De tal forma, a justiça fará bem ao abandonar o caso...

Ganimard olhou para o recluso com ar espantado.

— E como sabe tudo isso?

— Acabo de receber a mensagem que esperava.

— Acabou de receber uma mensagem?

— Neste instante, caro amigo. Por educação, não quis lê-la na sua presença. Mas se me autoriza...

— Está a gozar comigo, Lupin.

— Queira, caro amigo, decapitar suavemente este ovo cozido. Constatará por si mesmo que não estou a gozar consigo.

Maquinalmente, Ganimard obedeceu, e partiu o ovo com a lâmina de uma faca. Um grito de surpresa escapou-lhe. A casca vazia continha uma folha de papel azul. A pedido de Arsène, desdobrou-a. Era um telegrama, ou antes, a parte de um telegrama do qual se tinham arrancado as indicações postais. Ele leu:

> «Acordo concluído. Cem mil bolas entregues. Tudo corre bem.»

— Cem mil bolas? — disse ele.

— Sim, cem mil francos! É pouco, mas, enfim, os tempos andam difíceis... E tenho despesas tão pesadas! Se conhecesse o meu orçamento... um orçamento de cidade grande!

Ganimard levantou-se. O seu mau humor dissipara-se. Refletiu alguns segundos, revendo em conjunto todo o caso, procurando descobrir um ponto fraco. Em seguida, pronunciou num tom que deixava francamente revelar a sua admiração de conhecedor:

— Por sorte, não andam por aí dúzias como você, caso contrário teríamos de fechar a loja.

Arsène Lupin adotou um ar modesto e respondeu:

— Bah! Distrair faz bem, ocupar os tempos livres... além disso este golpe não poderia ter resultado se eu não estivesse preso.

— Como! — exclamou Ganimard. — O seu processo, a sua defesa, a instrução, tudo isso não basta para o distrair?

— Não, porque decidi não assistir ao meu processo.

— Oh! Oh!

Arsène Lupin repetiu:

— Não assistirei ao meu processo.

— Não me diga!

— Digo, meu caro. Acha que vou apodrecer sobre a palha húmida? Ultraja-me! Arsène Lupin só fica na prisão durante o tempo que lhe agradar, e nem um minuto mais.

— Talvez tivesse sido mais prudente começar por não ter entrado nela — objetou o inspetor num tom irónico.

— Ah! Graceja? Lembra-se de que teve a honra de proceder à minha detenção? Fique a saber, meu respeitável amigo, que ninguém, nem você nem qualquer outro, teria podido deitar-me a mão se um interesse bem mais considerável não me tivesse solicitado naquele momento crítico.

— Surpreenda-me.

— Estava uma mulher a olhar-me, Ganimard, e eu amava-a. Compreende tudo o que há na circunstância de ser olhado por uma mulher que se ama? O resto importava pouco, juro-lhe. E por isso eu estou aqui.

— Há bastante tempo, permita-me que observe.

— Eu queria esquecer, primeiro. Não se ria: a aventura tinha sido charmosa e eu guardava ainda a terna lembrança... Depois, sou um pouco neurasténico! A vida é tão febril, por estes dias! É necessário saber fazer, em determinados momentos, aquilo a que se chama a cura de solidão. Pela nossa *santé*. Até pelo nome, este lugar é ótimo para isso. Faz-se aqui a cura da *Santé* com todo o rigor.

— Arsène Lupin — observou Ganimard —, está a tomar-me por tolo.

— Ganimard — afirmou Lupin —, hoje é sexta-feira. Na próxima quarta-feira, irei fumar o meu charuto em sua casa, na Rua Pergolèse, às quatro da tarde.

— Estarei à sua espera, Arsène Lupin.

Deram um aperto de mão, como dois amigos que se admiram, e o velho polícia dirigiu-se para a porta.

— Ganimard!

Este voltou-se.

— Que foi?

— E esqueceu-se do relógio.

— Do meu relógio?

— Sim, perdeu-se no meu bolso.

Entregou-o, desculpando-se.

— Perdoe-me... um mau hábito... Mas lá porque me privaram do meu não é razão para que eu fique com o seu. Além disso, tenho por aí um cronómetro que satisfaz plenamente as minhas necessidades.

Tirou da gaveta um grande relógio de ouro, maciço e confortável, adornado por uma corrente pesada.

— E esse, de que bolso veio? — perguntou Ganimard.

Arsène Lupin examinou desinteressadamente as iniciais.

— J. B. Quem diabo poderia ser?... Ah! Sim, já me lembro, Jules Bouvier, o meu juiz de instrução, um homem encantador...